

Povos Indígenas no Brasil

Fonte FOLHA DE S. PAULO Class.: 1017

Data 12/03/86 Pg.: _____

Índios vão ao Planalto e governo convoca o I

Da Sucursal de Brasília

O Exército, a Polícia Militar e a Polícia Federal mobilizaram ontem 750 homens e 44 cães amestrados para proteger o Palácio do Planalto e o Ministério do Interior. Todo este aparato foi requisitado pelo chefe da segurança do Planalto, coronel Fabiano Lins, que afirmou ter recebido informações de que "mais de trezentos índios, armados de bordunas, estariam dispostos a invadir os dois prédios para pedir a demissão do sertanista Apoena Meirelles da presidência da Funai".

Os soldados e policiais começaram as manobras no Planalto por volta das 15h. Às 17h, chegaram ao Planalto doze líderes indígenas, acompanhados do deputado Mário Juruna (PDT-RJ). Eles haviam marcado uma audiência com o ministro Marco Maciel, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República. "O que é isso?", indagou o cacique txucarramãe Raoni, quando um grupo de vinte policiais interrompeu o seu caminho, impedindo o acesso dos índios ao Planalto. "Quem vai abrir passagem para nós?", perguntou o índio ao coronel Lins.

O chefe da segurança disse que ninguém entraria no Planalto, com exceção de Juruna. Ele pediu que os índios aguardassem do outro lado da rua, onde 33 homens do pelotão de choque da PM estavam perfilados, ao lado dos cães, sob os olhares curiosos de pessoas que se aglomeravam em frente ao Planalto diante daquela movimentação estranha à Esplanada dos Ministérios. Uma ordem do Gabinete Civil acabou resolvendo o problema: Juruna subiu para conversar com Marco Maciel, acompanhado de Raoni e outros quatro líderes indígenas.

A conversa durou pouco mais de vinte minutos e os índios saíram decepcionados. Juruna entregou a Maciel um documento sugerindo a criação de uma secretaria especial para assuntos indígenas, ligada à Presidência da República. Segundo o deputado, esta é a única forma de colocar um fim à corrupção na Funai. O parlamentar disse ainda que 122 líderes indígenas estão em Brasília há quinze dias e não conseguiram falar com Apoena Meirelles.

"Não acredito que ele vá mudar o presidente da Funai", disse Raoni, depois do encontro com Maciel. "Eu disse a ele que o Apoena sumiu e ele não respondeu nada", acrescentou. Segundo Juruna, Maciel prometeu conversar com o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, sobre o problema ainda nesta semana, mas adiantou que o assunto fugia à sua competência. "Estamos cansados de ouvir o branco", disse Raoni. "Vamos ficar em Brasília até que tudo na Funai seja mudado", continuou.

À saída da audiência, os índios reuniram-se em frente ao Planalto e estabeleceram um confronto mudo com os policiais e soldados, numa troca de olhares que durou cerca de

dez minutos. Em seguida, Raoni, Kremoro e Wai-Wai, três caciques do Xingu, realizaram uma pequena reunião e o mais velho deles, Kremoro, pegou uma erva e a esfregou nos braços dos soldados, um a um. Indagado sobre o motivo daquele ritual, respondeu Raoni: "Isto é para dar juízo a eles. Estão todos doidos." E completou: "Quando o governo precisa do índio para pajelança, o pajé vem. Quando o índio precisa conversar com o presidente sobre os problemas do nosso povo somos recebidos com policiais e cachorros."

No dia anterior, o ministro Costa Couto havia recebido um grupo de índios representando diversas nações. Eles exigiam a demissão de

Apoena Meirelles. Enquanto este grupo conversava com o ministro, na sede da Funai, cerca de sessenta índios obrigavam, sob ameaças de bordunadas, o diretor-administrativo do órgão, Laércio Cerqueira de Alcântara, a assinar um cheque no valor de Cr\$ 67.200,00. Quando eles foram descontar o cheque na agência do Banco do Brasil, descobriram que não tinha fundos. E quebraram toda a agência bancária. Os índios agora não querem só a demissão de Apoena. Eles também estão contra o ministro Costa Couto. Juruna defendeu os índios no episódio do quebra-quebra bancário: "A culpa é do governo que não atende às reivindicações do índio."